

1. INTRODUÇÃO

SOBRE ALGUNS TEMAS EM WALTER BENJAMIN: NOTAS DE UM PERCURSO

CLAUDIA CAIMI E REJANE PIVETTA DE OLIVEIRA

A inspiração para o título deste livro é prontamente reconhecida pelos leitores de Walter Benjamin: vem do ensaio “Sobre alguns temas em Baudelaire”, que integra o imenso estudo do autor sobre a modernidade, configurado nas *Passagens*, obra composta de vários textos, escritos sob o horizonte da revolução capitalista do século XIX, das grandes transformações urbanísticas e das experiências resultantes desses novos modos de produção e relações sociais. Paris é a metrópole moderna por excelência, e Baudelaire, o seu melhor intérprete. Assim, Benjamin traça uma certa “fisionomia” da cidade moderna, bastante particular, por meio de um pensamento especulativo e poético, rigoroso e errático, orgânico e fragmentado, como os labirínticos percursos das ruas, galerias e boulevares da emblemática Paris, ao mesmo tempo uma e todas as cidades, de onde o autor recolhe os temas que povoam suas reflexões, nas pistas deixadas por Baudelaire.

Benjamin inicia o ensaio sobre Baudelaire chamando atenção para o fato de o poeta, na abertura de *As flores do mal*, dirigir-se ao leitor – um “leitor hipócrita” –, na

tentativa de ganhar sua atenção, num tempo em que as condições de receptividade da poesia são desfavoráveis, em que os leitores “se veem em dificuldade ante a leitura da poesia lírica” (BENJAMIN, 1989, p. 103). Assim, Benjamin sugere que Baudelaire prepara o seu público, fazendo com que o livro, pouco apreciado no início, transforme-se, ao longo das décadas, em um grande sucesso editorial (Ibidem, p. 104). Podemos dizer que Baudelaire cria o leitor para uma nova lírica, a partir da nova situação do poeta, não mais o vate, mas o ser comum que passeia incógnito na multidão, destituído de sua “auréola”. Desse mote – a experiência do leitor de poesia no contexto da modernidade – derivam muitas das preocupações centrais de Benjamin, relacionadas às mudanças na percepção das “massas civilizadas”.

O ato de dedicar um livro a leitores pouco propensos a entendê-lo trouxe fama à poesia de Baudelaire, que, desse modo, prolongou o poder de sua crítica às gerações futuras. Da mesma forma como a poesia de Baudelaire interpreta, de maneira intrínseca, os sinais emergentes de sua época, o pensamento de Benjamin é impregnado da mais densa matéria histórica. A possibilidade de compreender a dimensão histórica da experiência, “a experiência inóspita, ofuscante da época da industrialização em grande escala” (BENJAMIN, 1989, p. 105), que Benjamin tão profundamente viveu e cujos efeitos persistem e se desdobram nos dias de hoje em novas tendências, dão mostras da atualidade, da perspicácia e da inteligência de suas ideias. Para Hanna Arendt, Benjamin foi, sem ser, muitas coisas: tradutor, historiador, filólogo, teólogo, escritor, mas o lugar que melhor ocupou, onde ele próprio se colocava, é o da crítica, que “indaga sobre a verdade cuja chama viva continua a arder sobre os pesados troncos do passado e as leves cinzas da vida que se foi” (2008, p. 169).

A persistência de Walter Benjamin, crítico incansável que observa e interpreta o processo histórico, tal como o alquimista “pratica a obscura arte de transmutar os elementos fúteis do real no ouro brilhante e duradouro da verdade” (ARENDR, 2008, p. 170), demonstra, para além das modas acadêmicas, a inquietação que seus textos continuam suscitando nos leitores contemporâneos, nunca inteiramente prontos para lê-los. Os ensaios deste livro assumem a instigação provocada por alguns temas benjaminianos: história, memória e infância, nos dois primeiros; filosofia da linguagem e teoria da tradução, nos dois subsequentes; discussões sobre o romance policial; a formação do conceito de aura; reflexões sobre estética; o problema da narrativa; e, por fim, a tradução, inédita em português, de um pequeno texto de Benjamin sobre o leitor de romance completam a coletânea. Esses temas aparecem

de maneira inevitavelmente entrelaçada nos diferentes textos deste livro, sendo ainda aproximados a outros conceitos e autores, em abordagens que não buscam explicar Benjamin, mas empenham-se em construir percursos de leitura, em assinalar, enfim, modos de ler e perceber os meandros de sua crítica. Não se trata, portanto, da proposição de sínteses integradoras, mas de voltar aos próprios temas e fazer notar o que melhor os caracteriza: a ambiguidade, a suspensão e o devir dos sentidos.

O debate proposto por Benjamin exige um deslocamento epistemológico, pois incide sobre formas de exposição, de apresentação, de enunciação e de elaboração do saber no domínio dos discursos literário, filosófico e histórico e não tem por pressuposto delimitar as diferenças e/ou os direitos desses discursos, mas sim, refletir sobre a “partilha”, as relações cambiantes desses saberes, suas implicações com a linguagem, a estética e a ética. Nesse sentido, nos escritos de Benjamin, a argumentação é intrincada, acrescida por uma linguagem contrária ao academicismo, que opta por acolher uma dimensão dialética, cuja crítica é abrigada no poder da imagem.

Mesmo escritos na primeira década do século XX, os textos de Walter Benjamin propiciam a continuidade do debate sobre as possibilidades de transmissão e de interpretação do mundo, posição assumida tanto pela crítica literária, pela filosofia, quanto pela história contemporânea. Suas reflexões vinculam-se a uma série de discussões atuais que tratam temas como memória, comunidade, imagem, experiência, alteridade, leitura, crítica, tradução, fronteiras, fractalidade, ambivalência, entre outras. Dele herdamos não apenas um conjunto de conceitos que abriram, fixaram e definiram novos contornos para o pensamento atual, mas também uma visão que se configurou como decisiva às questões como a técnica, a arte, a história, a política e a linguagem. A atualidade de Walter Benjamin é reconhecida por estudiosos como Márcio Seligmann-Silva, que define atualidade como “a capacidade de uma ideia ir ao encontro de seu presente de modo a possibilitar uma mudança” (2009, p. 11). A força mobilizadora da obra benjaminiana está talvez no modo sempre renovado com que os aspectos nela contidos permitem recortar e interpretar o mundo. Desse modo, ler Benjamin afigura-se como um meio de colocar as ideias em ação, torná-las produtivas na tarefa infinita de escrever e reescrever a história, necessariamente em mais de um sentido e nunca de maneira completa.

Nessa medida, este livro junta-se a toda uma série de produções sobre o autor, as quais dizem do caráter ativo de seu pensamento. Os textos aqui apresentados resultam desse movimento das ideias, que mobilizou os integrantes do grupo de pesquisa

“A literatura no pensamento de Walter Benjamin” em torno do objetivo de evidenciar a contribuição que o pensamento do autor oferece para os estudos literários no que se refere às obras, aos movimentos e aos conceitos que circunscrevem a ligação entre a filosofia da história e a teoria da literatura. A obra de Benjamin reflete sobre o texto literário de autores modernistas; de estilos como o barroco, o romantismo e o modernismo; sobre gêneros literários como a narrativa oral, o romance, o drama, ou o texto infantil, construindo uma teoria crítica que entrecruza vários saberes discursivos.

Dos encontros do grupo brotou a necessidade de desdobrar a pesquisa para projetos de extensão, que poderiam divulgar o debate do grupo e estender a reflexão de Benjamin para a comunidade acadêmica. Em 2012, foi promovido o curso *Introdução ao pensamento de Walter Benjamin*, no qual uma primeira versão dos textos aqui apresentados foi elaborada e demandou, por parte do grupo de participantes, o preparo deste livro. Como resultado do trabalho do grupo de pesquisa, e contando com a colaboração de outros pesquisadores da UFRGS e de outras Instituições (Uniritter, UNICAMP e UFSC), foi organizado este volume, que pretende aproximar o leitor a um conjunto significativo de temas presentes na obra de Walter Benjamin.

A aproximação ao pensamento do autor demanda que um mínimo de sua trajetória de vida seja conhecido, não para definirmos “quem é Walter Benjamin”, senão que para assinalarmos “correspondências”, dando a necessária dimensão ao fazer das ideias, às correlações entre as manifestações materiais e a tênue linha que as reúne a uma configuração intencional. O primeiro, mais amplo e talvez decisivo aspecto a referir é o fato de a história de vida de Walter Benjamin situar-se no contexto de uma Alemanha que passou por uma unificação autoritária e problemática e pela ascensão nazista. Em 1871, Guilherme, rei da Prússia, foi coroado primeiro imperador do Império Alemão, após guerras contra a Dinamarca, a Áustria e a França. A unificação, apesar do acirramento das disputas entre as potências europeias, possibilitou um período de crescimento econômico, que terminou com a participação da Alemanha na Primeira Guerra Mundial. Com a Alemanha derrotada na guerra, o imperador Guilherme II é deposto, sendo proclamada a República de Weimar (1919-1933).

Destituída de considerável parte de seu território, ao lado de dificuldades econômicas e revoltas populares não controladas pela frágil República, a Alemanha se vê em meio ao crescimento do sentimento nacionalista, que ganha força com o DAP (Partido dos Trabalhadores Alemães), o futuro partido nazista, comandado por Adolf Hitler. Em 1933, após o incêndio de Reichstag, sede do parlamento alemão,

Hitler, recentemente empossado Chanceler da Alemanha, começa uma perseguição a comunistas, negros e judeus, que culmina com o extermínio de milhares de pessoas nos campos de concentração, no período da Segunda Guerra. Pelas dificuldades de viver em Berlim nesse período de acossamentos, Benjamin exila-se em Paris logo após 1933 e, desde então, passa a viver perambulando por várias cidades, seja para fugir da perseguição nazista, seja em busca de meios de sobrevivência, sem nunca mais voltar a Berlim, cidade onde nascera, em 5 de julho de 1892.

Filho de uma família judia que comerciava antiguidades, Benjamin viveu a infância abastada e protegida de criança burguesa e enfermiça. Desde muito cedo desenvolveu afinidade com os livros, sendo, no decorrer de sua curta vida, não só um leitor, mas também um colecionador deles. Na juventude, Benjamin aproxima-se do Movimento da Juventude Livre Alemã, do qual logo se afasta por discordar das ideias de seu líder, Gustav Wyneken, que a partir da primeira guerra contagia-se de sentimentos patrióticos. Neste período, Benjamin torna-se amigo de Gershom Scholem, com o qual compartilhou, por todos os anos de vida, interesses pela teologia judaica, apesar de não ser um religioso convicto e nem mesmo saber o idioma hebraico. Conforme esclarece Leandro Konder (1999), os temas da teologia judaica no jovem Benjamin estavam ligados às preocupações filosóficas dos românticos - pelos quais também se interessava -, principalmente no desenvolvimento dos temas sobre a experiência, o conhecimento e a linguagem.

A experiência profissional de Benjamin foi bastante difícil. Em 1919, defende seu doutoramento com a tese *O conceito de arte no Romantismo alemão* e, por um longo período, dedica-se a escrever artigos, resenhas de livros e traduções para garantir a sobrevivência. Aos 33 anos de idade, candidata-se ao posto de professor universitário na Universidade de Frankfurt am Main, apresentando a tese de livre docência *Origem do drama barroco alemão*, recusada por não preencher os “requisitos” acadêmicos exigidos pela instituição. A partir de então, até o suicídio, em 1940, Benjamin sobreviveu de trabalhos intelectuais para jornais, rádio, revistas, pela pequena bolsa ofertada pelo Instituto de Pesquisa Social, dirigido por Horkheimer e Adorno nos EUA, desde 1934, e pela ajuda de amigos como Brecht, a escritora e dona de livreria Adrienne Monnier, sua irmã Dora e sua ex-esposa Dora Pollak.

Em 1917, casa-se com Dora, com quem tem um filho, Stephan, nascido em 1918. O casal se separa em meados dos anos vinte, estabelecendo uma relação de amizade e acolhimento por toda a vida: é na pensão dela em San Remo que Benjamin

passa algumas temporadas quando está sem recursos. Em 1924, Benjamin conhece e apaixona-se por Asja Lacis, soviética, comunista e casada com o diretor de teatro alemão Bernhard Reich. Essa paixão o marca profundamente, por vários anos permanece envolvido, vai vê-la em Riga, passa uma temporada em Moscou, em 1926, para ficar próximo a ela e, ainda, encontram-se algumas vezes em 1928/29.

A amizade com Asja e Brecht resulta em um interesse maior de Benjamin pelo marxismo. Essa aproximação vai marcar seus trabalhos da década de 30. Benjamin tinha admiração por Brecht e sua obra. No seu ensaio *O autor como produtor*, de 1934, afirma que Brecht é o exemplo de ligação entre vida e obra, de escritor que reflete sobre o processo produtivo. Apesar do respeito que tinha pelo amigo e de apontar a atitude revolucionária da obra de Brecht, Benjamin, mesmo sendo um homem de esquerda, não se filiou ao partido comunista. Brecht, por sua vez, tinha divergências significativas em relação ao pensamento de Benjamin, nunca entendeu seu interesse tão prolongado por Baudelaire e achava místico o conceito de “aura”.

Significativa também foi a amizade entre Walter Benjamin, Theodor Adorno e a esposa deste, Gretel Adorno, apresentada ao futuro marido, na década de vinte, por Benjamin. Adorno, alguns anos mais jovem, manteve com Benjamin uma relação bastante próxima, seja pelas discussões teóricas sobre os textos por ele produzidos, seja pelo apoio ao amigo na busca de auxílio financeiro. Todavia, a proximidade não exclui a distância, pois, a despeito da profunda admiração de Adorno pelo pensamento benjaminiano, há grandes diferenças entre as concepções teóricas de ambos. Na correspondência entre eles (por circunstâncias históricas pouco se viram nos anos 30), as questões de teoria do conhecimento e método e o tema da cultura de massa são seguidamente abordadas, nem sempre de maneira concordante, conforme assinala Olgária Matos (2012). Adorno discordava do conceito de mediação utilizado por Benjamin, entendendo que este perdia a dimensão dialética no seu pensamento, em favor de uma oscilação mítica entre história e natureza. Essa discussão está presente nas cartas trocadas entre eles no decorrer dos anos 30, as quais apresentam as leituras que Adorno fez do importante texto *A obra de arte na era da sua reprodutividade técnica*, bem como de *Paris do segundo Império em Baudelaire*, de *As afinidades eletivas de Goethe*, de *Infância em Berlim* e de *O trabalho das passagens*, entre outros. Apesar das críticas, é inegável a presença fecunda do pensamento benjaminiano na obra de Adorno.

Nos últimos anos de vida de Benjamin, o empenho de Adorno e Gretel para ele

deixar a Europa foi insistente, no entanto, ele constantemente adiava essa possibilidade. Nesse período, além de acirrar os problemas financeiros e de saúde, as preocupações políticas pressionavam-no. A direita francesa se mobilizava e contava com a simpatia de diversos intelectuais, como explicita Konder (1999), e o Estado dirigido por Stalin gerava aflição nos intelectuais de esquerda da época. Durante esse momento, Benjamin dedica-se, principalmente, ao trabalho das *Passagens*, que resultou inacabado, numa série de mais de quatro mil fragmentos, nos quais apresenta uma história social da cidade de Paris, configurando essa passagem histórica através de imagens cotidianas da modernidade nas figuras do *flâneur*, da prostituta, do jogador e do colecionador. Esse trabalho prepara os estudos de Benjamin sobre Baudelaire, o poeta e crítico da modernidade que testemunha a modernização social e urbana de Paris, publicados no Brasil separadamente, conforme a edição crítica alemã. São eles, *A Paris do Segundo Império em Baudelaire – “A Boêmia”, “O Flâneur”, “A Modernidade”*; *Sobre alguns temas em Baudelaire*; um conjunto de reflexões intitulado *Parque Central* e o Caderno “J” do *Livro das Passagens* intitulado “Baudelaire”.

Em maio de 1939, Benjamin é informado pela embaixada alemã na França que fora destituído da cidadania alemã; tampouco se efetivam suas tentativas de naturalização francesa (Gagnebin, 1999). Nesse mesmo ano, após a recusa da Alemanha de se retirar da Polônia, a França convoca os cidadãos de origem alemã a se encontrarem num estádio olímpico, o que resulta numa internação, em péssimas condições, de um grupo de trezentos alemães, enviados para um campo de “trabalho voluntário”. Entre eles, estava Benjamin, libertado dois meses depois. Em maio de 1940, há novo chamado e, mais uma vez, através da ajuda de amigos, consegue se libertar. Em julho, foge de Paris para Lourdes, consegue um visto provisório para entrar nos Estados Unidos e rumar para Marselha, onde se encontra com outros refugiados que, como ele, têm visto de trânsito através da Espanha e de Portugal. Mas Benjamin não consegue o visto de saída da França, pois não é cidadão nem francês, nem alemão. Decide sair da França de forma ilegal, juntamente com um grupo de refugiados, através de Port Bou, nos Pirineus.

No dia 26 de setembro de 1940, depois de saber que a passagem para a Espanha estava fechada, ingere uma grande dose de morfina, recebida do amigo Arthur Koestler para a eventualidade de precisar matar-se. Agoniza o dia inteiro, só vindo a morrer por volta das dez da noite. No dia seguinte, os oficiais da fronteira, constrangidos pelo suicídio, permitem que os demais integrantes da caravana sigam em direção

a Portugal.

O trágico suicídio de Benjamin coincide com um dos mais sombrios momentos da Guerra – a ocupação da França e o pacto de Hitler com Stalin. A ruína da sua vida, porém, não termina em fracasso, posto que, sob o signo da catástrofe, persiste a “centelha da esperança” e nas cinzas reside a possibilidade de todo o renascer. Como o mundo não parou de acumular escombros, e a memória da tragédia passada não deve ser esquecida, mais do que nunca é necessário um pensamento lúcido e vigoroso, que testemunhe a barbárie da história, ao mesmo tempo que seja capaz de recompor com os cacos a imagem da salvação. Esse é um dos tantos motivos para que novos e antigos leitores dos temas de Walter Benjamin sintam-se continuamente convocados a ler.

REFERÊNCIAS

ARENDR, Hanna. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUDELAIRE, Charles. As flores do mal. Trad. Ivan Junqueira. In: _____. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

BAUDELAIRE, Charles. Pequenos poemas em prosa. Trad. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. In: _____. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo, Brasiliense, 1989 (Obras Escolhidas; v. 3).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin, um estrangeiro de nacionalidade indeterminada, mas de origem alemã. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org) *Leituras de Walter Benjamin*. São Paulo: FAPESP e Anna Blume, 1999.

KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

MATOS, Olgária C. F. Apresentação à edição brasileira Walter Benjamin e Theodor Adorno: o estupor da facticidade à meia-noite do século”. In: ADORNO, Theodor. *Correspondência, 1928-1940*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A atualidade de Walter Benjamin e Theodor Adorno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.